

ENTRE RIMAS E ESTIGMAS: O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO IMAGINÁRIO DO *RAP*¹

Maria Helena Santos Almeida NETA²

Mariane dos Reis COSTA³

Geilson Fernandes de OLIVEIRA⁴

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO: Partindo da premissa de que os meios de comunicação assumem um papel importante na formação de discursos imagéticos, este estudo tem como objetivo analisar e problematizar os discursos difundidos na mídia impressa e televisiva que corroboram para a construção da identidade estigmatizada presente no cenário do *rap*. Para tanto, realizamos uma discussão teórica e social, a partir de artigos, jornais e obras literárias que expressam a necessidade de um novo olhar midiático perante os gêneros musicais produzidos nas periferias. Os resultados deste estudo revelam a influência destes estigmas na opressão de grupos minoritários que utilizam a expressão artística para resistir aos resultados nocivos da segregação.

Palavras-chave: Estigmas; Estereótipos; *Rap*; Mídia; Influência midiática.

INTRODUÇÃO

Originado das comunidades negras, o *rap* surge da necessidade de uma representação da expressão da vida urbana periférica, que emerge como vozes potentes das comunidades marginalizadas, articulando temáticas nos âmbitos do entretenimento e da promoção da consciência moral, que se fundamenta por meio da criticidade social construída a partir das narrativas de resistência. No entanto, desde sua origem, esse estilo enfrenta desafios com a estigmatização amplamente construída e propagada pela mídia. Associando, assim, a estereótipos de violência, criminalidade e vulgaridade, gerando não apenas a distorção da percepção pública sobre este gênero, mas também a marginalização das comunidades representadas nas cifras deste estilo musical, limitando, assim, o reconhecimento de suas contribuições artísticas culturais.

Este artigo propõe uma análise dos estereótipos fundamentados pelos discursos da vulgaridade e malandragem construídos ao longo das décadas pelos meios de comunicação, enfatizando, dessa maneira, as implicações sociais e culturais desse gênero na percepção

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE14 - Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Discente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro. E-mail: mariahelenalmeida07@gmail.com.

³ Discente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro. E-mail: marianereiscosta123@gmail.com.

⁴ Orientador. Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Docente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III – Juazeiro/BA. E-mail: geilsonoliveira@uneb.br

imagética coletiva, buscando entender os impactos dessas narrativas nas expressões artísticas periféricas que buscam o respeito e o reconhecimento das suas lutas.

Diante disso, ao explorar as raízes históricas e as consequências desses estigmas no imaginário coletivo, pretendemos contribuir para a análise das representações deste gênero e os efeitos dos discursos que perpetuam nos âmbitos da comunicação. Para tanto, realizamos um estudo de caráter qualitativo e exploratório, a partir da discussão teórica e social sobre a nocividade das projeções dos estereótipos das expressões musicais negras, que são frequentemente reproduzidos pela imprensa brasileira.

A HISTÓRIA DO *HIP HOP* E O SURGIMENTO DO *RAP*

Na década de 70, surge nas periferias do Bronx, em Nova York, o movimento cultural intitulado como *hip hop*⁵. Esse movimento aparece inicialmente no dia 11 de agosto de 1973, em uma festa organizada pelos irmãos *Cindy Campbell* e *Clive Campbell*⁶. Esse processo cultural é o resultado de uma organização política na década de 1960, que denunciava as diversas violências e o descaso político, principalmente os que afetam a população negra (Paulino, 2022). Em 1980, é criado pela *Organização Zulu Nation*⁷, os principais elementos do *hip hop*: o *rap*⁸; *grafite*⁹; *DJ's*¹⁰ e *MC's*¹¹; *break b-boy/b-girl*.

A partir dos anos 80, surge nas periferias de São Paulo o movimento de contracultura que crescia nos EUA. Os primeiros a terem contato com o *hip hop* no país foram os dançarinos de *break dance*¹², chamados de *b-boys*, que se reuniam na Galeria 24 de Maio e na estação São Bento, em São Paulo. O Nelson Triunfo, considerado o pai do *hip hop* brasileiro, é um dos nomes mais importantes para o início do ritmo (Jornal do Rap, 2023).

Além da dança, o *rap* brasileiro passou a ganhar destaque ao expressar, em suas letras, as vivências pessoais nas periferias, servindo de instrumento de denúncia para as injustiças sociais e políticas. Os primeiros *rappers* foram influenciados pelo *funk* e pelo *soul* nacionais, além do *reggae* e do samba. Alguns dos pioneiros do *rap* brasileiro foram Thaíde e *DJ Hum*; Racionais *MC's*; *Planet Hemp*; Gabriel O Pensador e MV Bill.

⁵ O primeiro movimento foi feito por afro-americanos livres e latino-americanos.

⁶ *DJ* jamaicano, conhecido com *DJ Kool Herc*, é considerado o precursor da cultura *hip hop*, criando uma nova melodia contagiante e dançante, nomeada como *merry-go-round* (carrossel).

⁷ Foi criada no dia 12 de novembro de 1974, com sede na Avenida *Sedgwick*, 1520, no Bronx, utilizando o lema paz, amor, união e diversão com responsabilidade. A organização passou a desenvolver, por meio da arte, palestras e dinâmicas que tinham como tema a prevenção às drogas e doenças, visando promover a conscientização social.

⁸ É a representação do ritmo e da poesia.

⁹ É a representação da linguagem que documenta a história, servindo como meio de comunicação expressada através da arte.

¹⁰ O *MC* é o transmissor da mensagem que utiliza a expressão musical-verbal da cultura *hip hop*.

¹¹ O *DJ* é responsável pela produção das músicas que serviram de base para o *MC* cantar.

¹² Os termos *break dance* e *break b-boy/b-girl* são a representação do exercício corporal em se expressar através da dança.

Somente na década de 90 que o *rap* brasileiro consegue se consolidar como movimento cultural e político, ganhando mais visibilidade e reconhecimento. O movimento começa a se misturar com outros gêneros musicais como o *rock* e o *pop*, fazendo com que alguns nomes como Marcelo D2, Sabotage, *Rappin'Hood*, Emicida, Criolo, Karol Conká e outros nomes fossem destacados. Nos anos 2000, o *Rap* nacional continuou se renovando e incorporando novos elementos sonoros e visuais, dando destaques para artistas como Rashid, Flora Matos, Baco Exu do Blues, Tribo da Periferia, e outros.

Vale ressaltar que o *hip hop* é um movimento cultural que se espalhou pelo mundo, influenciando a sociedade e as suas artes. No Brasil, se desenvolve como forma de expressão política e cultural dos jovens periféricos. O *rap*, como parte da cultura do *hip hop*, é uma manifestação que se reinventa constantemente, demonstrando a resistência de grupos minoritários.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A PRODUÇÃO PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A PRODUÇÃO DE ESTIGMAS

Os meios de comunicação desempenham papel importante na formação da opinião pública, realizando uma mediação entre os fatos e a sociedade, influenciando padrões sociais e comportamentos humanos. Ao priorizar aspectos sensacionalistas do *rap*, os veículos de comunicação reforçam os estereótipos e contribuem para a estigmatização do estilo musical e de seus adeptos.

A palavra estigma tem origem na Grécia antiga, quando era utilizado para designar marcas corporais, como cortes ou cicatrizes, que indicavam o *status* moral do indivíduo que podia ser um escravo, criminoso ou traidor, por isso deveriam ser evitados (Goffman, 1998). O termo estigma é usado para classificar pessoas que possuem atributos que fogem do padrão da normalidade.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. [...] Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...] (Goffman, 1998, p. 6).

O estigma se caracteriza quando os atributos do indivíduo não correspondem à expectativa daquele contexto em que a categoria está inserida. Dessa forma, existindo uma discrepância entre a identidade social e a identidade virtual (Goffman, 1998). Dessa maneira,

os estigmas impactam a forma como os estigmatizados são vistos na sociedade, uma vez que acaba promovendo a exclusão e a inferiorização desses indivíduos.

O RAP BRASILEIRO

A expressão poética e artística de uma cultura periférica que denuncia as diversas condições de precariedade, são demonstradas nas letras do gênero musical abordado neste artigo. Essa representatividade também se manifesta nas cifras musicais, evidenciando a resistência dos jovens afetados pelos frutos históricos enraizados do neoliberalismo e das práticas eugenistas do século XX. Tais hábitos são explicados por Stepan (2005, p. 5), que revela que o estudo da eugenia encoraja a administração científica e racional da composição humana, introduzindo-se, assim, leis e teorias que tinham como principal característica o racismo e a esterilização compulsória.

Desta forma, várias manifestações culturais como o *rap* surgem evidenciando a urgência de políticas públicas que visam a qualidade do sistema educacional, carcerário e de saúde. Servindo de parâmetros para uma parcela da sociedade que é negligenciada, trazendo em suas letras a necessidade de uma consciência pública, que se manifesta nas divergências de um país que se preocupa com o capital e negligencia as questões sociais.

Ao relacionar a cultura musical do *rap* com os meios de comunicação, observa-se que a estigmatização difundida na mídia fomenta a construção de estereótipos e estigmas que associam as expressões artísticas, como o do *rap* aos discursos¹³ da malandragem e reforçam a criminalidade imaginária, contribuindo para a formação de uma identidade irreal que descredibiliza a potência e a importância das diversas vozes que se manifestam através das letras musicais. Desta maneira, percebe-se que esses estereótipos estão perpetuados na sociedade, como se observa quando analisamos a reportagem produzida pelo jornal Folha de São Paulo¹⁴ do dia 28 de novembro de 1994, que relata:

Polícia prende grupos de rap durante show

A Polícia Militar deteve anteontem à noite integrantes dos grupos de rap Racionais MC's e RMN, durante show no vale do Anhangabaú (região central de São Paulo). Houve tumulto na platéia e pelo menos cinco pessoas ficaram feridas, segundo a PM. Os rappers foram levados para o 3º Distrito Policial (Santa Ifigênia, região central), onde prestaram depoimentos. A Polícia Militar alegou que as músicas dos rappers incitam o crime e a violência. Ambos os grupos cantaram músicas cujas letras criticam ações da polícia.

¹³ Segundo Pêcheux (1975 apud Orlandi, 2005), o discurso é o lugar onde a linguagem é materializada na ideologia

¹⁴ Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html>. Acesso em: 11 jun. 2024.

A criminalização dos integrantes do grupo Racionais MC's não se deu pela suposta incitação ao crime na música *Homem Na Estrada*, mas pelas críticas relacionadas às falhas das instituições sociais presentes na letra.

A análise dessas questões reforça a construção do sentido de criminalidade pela mídia em relação ao *rap*.

É madrugada, parece estar tudo normal. / Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo. / Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal. / A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem. / Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez. / Vão invadir o seu barraco, é a polícia! / Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça! / Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos (Racionais MC's, *Homem Na Estrada*)¹⁵.

A análise dessas questões reforça a construção do sentido de criminalidade pela mídia em relação ao *rap*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do *rap* no Brasil está marcada por uma evolução constante, que se alicerça nas condições sociais e históricas das comunidades onde esses gêneros surgiram e floresceram. Desde as primeiras batalhas de *rap* nas periferias de São Paulo, esse estilo musical tem servido como um canal fundamental para a expressão de realidades que muitas vezes são invisibilizadas pela sociedade e pela grande mídia. Contudo, a estigmatização dessas manifestações culturais revela uma profunda resistência por parte das estruturas de poder em reconhecer a legitimidade e a relevância das vozes periféricas.

O artigo demonstra que os discursos difundidos na mídia hegemônica influenciam na perpetuação dos estigmas que constroem a imaginação coletiva do gênero estudado. Desta maneira, verificamos que estas produções discursivas propagam a exclusão e a marginalização das representatividades culturais periféricas, que resistem, por muito tempo, aos efeitos da disparidade social brasileira e dos efeitos das diversas negligências governamentais. Por isso, há uma necessidade em se compreender que “a música está no mundo, e falar sobre ela é falar sobre um tempo e lugar específicos. Além de carregar significados, a música também produz significado” (Teperman, 2015, p. 6).

Assim, concluímos que os movimentos culturais que contornam e atravessam o *rap* brasileiro devem ser vistos sem deturpações, seguindo com a responsabilidade ética do

¹⁵ Trecho da música “Homem na estrada” do grupo Racionais MC's. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/homem-na-estrada.html>. Acesso em: 11 jun. 2024.

jornalismo com a sociedade. Consideramos, ainda, que este estudo não deve ser limitado somente ao recorte proposto, mas que possa estimular o desenvolvimento de novas produções.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO HIP HOP. **Jornal do rap**, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/aWIao>. Acesso em: 10 jun 2024.
- CUNHA, M. Termos do hip hop: seus principais elementos e conceitos. **Instituto Búzios**, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/XP2Id>. Acesso em: 10 jun 2024.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- HAYDEN, M. **O hip hop em Belém do Pará**: um movimento de educação, diversidade e inclusão social. 2018. 23f. Trabalho de conclusão de curso (Pós-graduação em Educação, Diversidade e Inclusão Social) - Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hvIFa>. Acesso: 10 jun. 2024.
- OLIVEIRA, I. A.; SENA, C. H. Do Rap ao Trap: Uma análise do subgênero no cenário brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 42.; 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/RcR1Z>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- ORLANDI, E. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua(gem)**. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Vitória da Conquista, n.1, 2005.
- PAULINO, M. Como o hip hop se tornou agente transformador da cultura preta. **Tangerina - UOL**, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bUC0m>. Acesso: 10 jun 2024.
- SITOE, T.; GUERRA P. (Org.). **Reinventar o discurso e o palco**: O rap, entre saberes locais e saberes globais, 2019.
- STEPAN, N. **A hora da eugenia**: Raça, gênero e nação na América. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- TEPERMAN, R. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.